

Notas da quinzena

• Feliz o que acredita que a vida começa por um chamamento e é chamamento toda ela! A dignidade que ela assume, a segurança em que se estabelece, a coragem que infunde, o sentido que tem, mesmo que só progressivamente se vá revelando!

«A Tua palavra, Senhor, é luz para os meus passos» — assim começa o Ofício deste domingo em que somos lembrados da vocação de Samuel e da dos primeiros Apóstolos. E se a vida se vai tecendo a partir do diálogo entre Deus e o homem, sempre este vê onde pôr os pés, que Deus é o primeiro a falar e a Sua palavra é luz. Não há errantes; não há caminho sem saída; há, sim, sempre, uma caminhada árdua a fazer, que o saber-se ter em Deus seu princípio e seu fim torna mais fácil ao homem, medroso das contrariedades e tentado a fugir-lhes.

Samuel vai ser Profeta. A sua metodologia: *escutar* Deus que fala. Sua missão: dizer em nome do Senhor o que Ele falou. «Samuel ia crescendo; o Senhor estava com ele e não deixou cair por terra nenhuma das Suas palavras.» Um homem feliz porque acreditou no chamamento e seguiu por ele até ao fim!

André e um companheiro ouviram a João Baptista dizer de Jesus, que passava: «Eis o Cordeiro de Deus». E foram atrás d'Ele e «permaneceram junto d'Ele nesse dia». À tarde, encontraram Simão e comunicaram-lhe a sua descoberta: «Achámos o Messias». E levaram-no a Jesus que «fitou os olhos nele e lhe disse: 'Tu és Simão. Hás-de chamar-te Cefas'». E Simão escutou o desígnio e aceitou a escolha e tornou-se *Pedra* — e é.

«Povo de profetas e sacerdotes» a que pertencemos, todo o Baptizado foi eleito testemunha de Cristo, participante dos Dons que Ele distribui como entende para os fazermos render segundo a vocação de cada um. Ao celebrarmos hoje a vocação de

Samuel e dos Apóstolos, celebramos o chamamento universal de Deus ao homem, para que O escute e veja n'Ele a luz que lhe abrirá o caminho e colha d'Ele a força para saltar os escolhos — e seja feliz.

• Que tenha sido assim vivida, no ritmo de Deus para cada homem, a passagem no mundo de dois dos nossos que estes dias terminaram a sua carreira quando, segundo o parecer da carne, ainda teriam muito que dar.

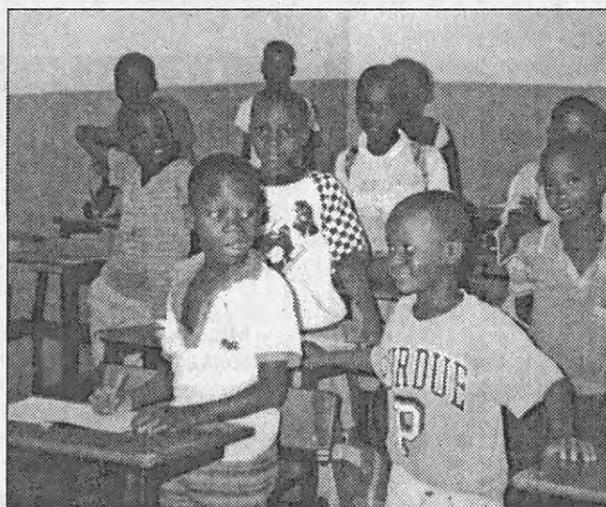
O Cristiano não foi surpresa, que há muito a doença o vinha consumindo. Guardamos dele a memória de um homem de boa consciência que muito sofreu; e também a de um grande Vicentino, que, enquanto pôde, fez render os seus talentos ao serviço dos Pobres — e com que tacto ele sabia tratá-los! Com certeza o Senhor «fixará Seus olhos» em tantos momentos de vida partilhada com irmãos em sofrimento e partilhará com ele em pleno a Sua Vida.

Do Manuel Milheiro chegou hoje a notícia de surpresa. Há tão pouco festejámos juntos as suas «bodas de prata» e tudo parecia tão bem...!

O Manuel fez o seu percurso em nossas Casas, primeiro no Tojal, depois em Beire e finalmente em Paço de Sousa. Daqui saíu no exercício da sua profissão de carpinteiro que, em boa hora, o levou à Suíça. Regressara há dois ou três anos, reformado já e com uma situação agradável.

Com ele saíu outro carpinteiro, nosso desde pequenino, o «Braguita», que teve uma vida mais difícil e Deus já levou também. Eram muito amigos. Por isso recordo a ambos nesta hora: Que o Senhor os junte conSigo Lá onde tudo é Bom.

Padre Carlos



MOÇAMBIQUE

Alfabetização

ESTAMOS a iniciar mais um ano lectivo. Os professores são os primeiros a ocupar o seu lugar. Há muito que preparar para que cheguem à meta com os planos cumpridos. No dia vinte estão os alunos.

Temos a nona classe pela primeira vez, com três rapazes da Casa e os restantes da Massaca. Desde a sexta, damos a mão aos que não têm lugar na escola oficial. São eles e elas. Trabalho acrescentado que beneficia os dois lados. As seis turmas antecedentes são apenas para os nossos, para que alguns, com

mais capacidade e vontade, possam subir dois ou três degraus. Assim foi com os três que vão à frente, pois ainda fez cinco anos que chegámos! Queremos subtraí-los ao peso morto deste país, que está a tentar alargar a rede de escolas, mas tem muito que andar para se levantar dos escombros. É fundamental uma boa alfabetização para alicerçar todo o resto. É que nem a educação, mesmo que transmitida pela palavra e pelo exemplo, enraíza. O domínio da língua é essencial a uma eficiente transmissão oral. Se Portugal fosse verdadeiramente grande haveria de

ajudar, por todos os modos, esta arrancada, não só em Moçambique. Ao que julgo saber, mesmo em relação à escola portuguesa de Maputo, que é só para elites e tida como obrigação, a política tanto faz como não faz. Não me queixo por nós aqui. Sabemos, a tempo e fora de tempo, procurar o necessário e Deus sustenta a nossa confiança.

Construção de edifícios escolares

O primeiro edifício da nossa escola para o nível secundário está acabado de pedreiro. Os aros de portas e janelas estão em toros na serração. Vai ser uma semana por nossa conta. Para além disso, falta o telhado e a pintura final. O outro bloco, para a primária, começou hoje a receber as vigas pré-moldadas para a placa. Nos dois, são oito salas, mais uma para audiovisual, outra de laboratório e outra para a preparação dos professores. Fora os anexos indispensáveis e uma sala na cave com a dimensão de duas de aulas, para trabalhos escolares auxiliares.

Depois virá o recreio coberto e o salão para actividades recreativas e culturais com uma área de quatrocentos metros quadrados. Tudo afinal em ponto pequeno, mas quanto baste para que a escolarização seja o mais abrangente possível.

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Anúncios de esperança

DEPOIS dos dias de festa nesta quadra de Natal vivemos uma semana também de festa pelos anúncios de esperança que nos chegaram.

O presidente da Câmara dum concelho da zona Centro telefonou que precisava de conversar

conosco. Combinámos e à hora estavam com ele, na sala, vereadores e engenheiros. Apresentaram projectos e quadros. Tudo pronto.

Já há anos que muitas famílias pobres, daquela terra, sem habitação própria, estão à espera de terreno camará-

rio para construir a sua casinha. Sempre com esperança que cheguasse a hora.

Demos, juntos, uma volta pelo concelho. Examinámos o terreno próprio. É suficiente para trinta moradias. Falta só a urbanização e arrancar.

Visitámos dois Lares de idosos.

Preferiam viver com a sua família, mas sentem-se felizes. Num deles, em dia deste Inverno frio, o presidente encontrou a lareira apagada por falta de lenha, tendo a Câmara muita em armazém. Ficou magoado e chamou

Continua na página 3



Três edifícios para vinte e oito famílias que viviam abarracadas

Conferência de Paço de Sousa

DIÁRIO DOS POBRES — A luta contra a Miséria reserva-nos, diariamente, um ou outro problema cuja especificidade obriga a ser mais nosso — a mexer mais conosco.

Às vezes, são acções difíceis. Com certeza. Que não dariam para entrarmos na rotina...

— *F. está sem nada p'ra comer...!* Alertam, d'algures, em prol deste indivíduo considerado *marginal*, porque doente, vítima do alcoolismo. Por isso, nunca ali partilhámos uma moeda. Só o alimento necessário e o eventual receitaário prescrito pelo médico para ele viver.

Tem alguma gente com possibilidades materiais, mas a família, as famílias — consciente ou inconscientemente — às vezes motivam a própria exclusão!

— *O meu home está muito mal. Não trabalha já há muito tempo...!* Os filhos botam-nos a mão, mas um vai casar e o outro prà tropa... — desabafa a mãe que tem sofrido, ao longo da vida, doloroso calvário.

Ele chegou a estar medicado. Porém, devido à sua fraqueza não resistia à pinguíta, estando hoje com grave doença: — *Tem uma barriga enorme!*

Tornamos a abrir a mão. E a família, com tanto sacrifício!, continua no seu lugar. Quando assim acontece, diminui a *marginalidade*.

PARTILHA — Vila Nova de Gaia, dez mil, da assinante 1121, cujo valor *se destina à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — para o que for mais necessário*.

Dois mil, da assinante 10784, de Ermesinde. Ovar: o habitual óbolo do assinante 42971 *«para os Pobres mais necessitados, mais envergonhados — e não precisam de agradecer»*.

Agora, *«uma portuense qual-quer»* com mesada para os que sofrem. Logo a seguir, mais uma *samaritana*, assinante 25881, de Vendas de Azeitão, traz na mão um *«chequezito para O GAIATO e pede desculpa pela insignificância. Vejam lá o descaramento!, ainda quero que o repartam pela Conferência de Paço de Sousa...»*

Outro cheque, na mesma, do assinante 49055, de Macieira de Cambra: *«O que sobrar*

Pelas CASAS DO GAIATO

será para o que acharem mais conveniente. Outro, ainda, do assinante 8296, de Lisboa, com idêntica intenção. Mais outro, do assinante 26040, de Vilar do Paraíso: *«Melhor do que eu sabem onde ele fará mais falta, embora a quantia seja pequenina»*. Idem, idem, da assinante 5241, de Peniche.

Retribuímos, a todos, os calorosos votos de santo Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

JORNAL — Finalmente, depois de alguns meses de espera, chegou uma das máquinas de etiquetar que fora para reparar.

Agora, O GAIATO poderá chegar mais em dia aos nossos leitores — e facilitará mais o nosso trabalho.

PSICÓLOGAS — Temos recebido, em nossa Casa, algumas jovens estagiárias de psicologia para conversarem e conhecerem o estilo e personalidade dos rapazes.

Segundo os nossos companheiros, as estagiárias são acolhedoras, simpáticas, bonitas.

TROPA — O «Amarante» terminou o tempo de tropa. Outros, como o Mauro, ex-chefe maior, e o «Serapicos» irão cumprir o serviço militar. Boa sorte!

Rui

DESPORTO — Participámos num torneio sub-16, em Mouriz — Paredes. Em 5 de Janeiro jogámos com «Móveis Barros». Empatámos 4-4.

No domingo seguinte, 12 de Janeiro, defrontámos o «Grupo Desportivo Amigos da Saúde». Não estivemos tão bem.

RETALHOS DE VIDA

«Teco»

O meu nome é Carlos Manuel Marques. Sou conhecido por «Teco», em nossa Casa.

Nasci a 18 de Setembro de 1983 na freguesia de Fronteira, concelho de Ponte de Sor. Perto da fronteira de Portugal/Espanha.

Só tenho mãe porque o meu pai separou-se dela quando eu era bebé. Depois, juntou-se a outro homem. Somos oito irmãos.

O meu padrasto não gostava muito de mim nem do meu irmão, o «Tico!» (...) Viemos os dois para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque na minha terra éramos muito «reguilas»...

Um sr. Padre, de Monforte, trouxe-me para aqui, em 25 de Setembro de 1991. À chegada, o «Turbinas» foi o nosso cicerone. Fiquei espantado porque temos uma Aldeia tão bonita!

Como seria bom que todos os rapazes sem mãe nem pai, que andam na vadiagem, pudessem vir para a Casa do Gaiato!

Carlos Manuel



Perdemos por 3-1. Só nos resta um jogo. Temos de ganhá-lo para ficarmos no segundo lugar.

No dia 19 de Janeiro efectuámos outro jogo, em nossa Casa. A equipa A (seniores) esteve impecável. Venceu por 6-3.

«Albufeira»

Crónica do Lar do Porto

Desde os tempos mais remotos que o Homem tem vindo a evoluir, em diversos aspectos, sendo um deles o da alimentação.

Como sabemos, o tipo de alimentação varia de país para país, consoante o tipo de cultura. Mas não só, o clima também interfere e, devido a isso, o tipo de alimento também se diversifica.

Pois bem, neste nosso «cantiño» temos alimentos que nos são precisos, como, por exemplo, a batata, as maçãs, as laranjas. Logo, é com grande alegria que, nesta altura, olhamos para as laranjeiras e tangerineiras e verificamos que se encontram carregadas de precioso fruto. Que bom! Pois assim podemos deliciar-nos com alguns bens da «mãe natureza».

Porque não aproveitamos todos os seus bens, ao invés de contribuímos para a sua destruição?!

Daniel «Cenoura»

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — O barracão do quintal... Está quase pronto para colocarem a telha. Encontrava-se um bocado degradado. Houve a necessidade de alargá-lo e arranjar o telhado. Já há mais espaço para arrumarmos a lenha das nossas lareiras — a madeira das obras.

Nos blocos novos já fizeram as divisões e agora rebocam as paredes e telham o beiral.

GADO — Os leitões que nasceram, estão bem de saúde.

A cabra foi para casa de uma vizinha, junto do bode, para acasalar.

As galinhas ainda não dão ovos. As vacas são poucas as que dão leite. Mas o leite ainda chega para todos.

AGRICULTURA — A maioria das terras continua em pousio. Encontram-se com erva e todas as tardes lá vai um grupo apanhá-la para o gado. As favas e os alhos desperteram.

VISITANTES — Recebemos visitantes com frequência. Deixam sempre ofertas. Temos as portas abertas às pessoas que nos queiram visitar. É um sinal de preocupação para connosco.

Um bem haja aos nossos Amigos.

Cronista X

TOJAL

CARA NOVA — Acolhemos mais um, que se chama Jorge Bruno. Tem 13 anos e anda no 7.º ano.

OBRAS — O nosso rinque está quase pronto e continuam as obras no palácio.

FESTAS — Já começámos a pensar no que fazer. Esperamos que a nossa criatividade seja suficiente para motivar as pessoas amigas que assistirão às sessões que levaremos a efeito em diversas localidades.

OFERTAS — Agradecemos a todos os nossos Amigos que têm oferecido muitas coisas — para que não nos falte nada.

CAMPO — A sementeira da batata está quase a começar. É um trabalho que costumamos fazer todos os anos para termos esse tubérculo na mesa das refeições.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Sempre que visitamos os nossos Pobres, sentimo-nos frágeis porque temos duas famílias, neste momento, que vivem em péssimas condições. Uma delas é composta por três pessoas alojadas num quarto pequeno, que serve de cozinha, casa de banho, sala de jantar e quarto de dormir. Ficou de lá ir uma assistente social, da freguesia, para confirmar se era verdade esta situação, mas até hoje nada. A outra família é composta por quatro pessoas que vivem num barraco em Ramalde. Ficaram de lhes arranjar casa, mas já lá vão três anos e nada.

Temos conhecimento de que a Câmara tem casas fechadas e tantas famílias à espera, mas a burocracia, no nosso País, é tão grande que não há preocupação de se despachar os papéis, pelo contrário só se complica. As coisas são feitas com tanta calma que, por vezes, os utentes perdem a cabeça e tomam atitudes menos correctas.

Apelamos para que haja mais humanidade em algumas Câmaras e Juntas de Freguesia. Não se aproveitem destas pessoas nas eleições prometendo tudo e mais alguma coisa, esquecendo-se depois que foi com esses votos que conseguiram os seus lugares, ficando o dito por não dito. Façam mais e não prometam aquilo que sabem, à partida, que nunca cumprirão.

Pedimos desculpa por este desabafo, mas nós vivemos o problema destas pessoas porque as visitamos e somos confrontados com todas estas situações, mas sentimo-nos desarmados porque também não sentimos apoio.

Os nossos maiores amigos e benfeitores na vida são, na verdade, os Pobres; pobres de vontade, pobres de saber, pobres de haveres — Pobres! Deus colocou no coração do homem o desejo de bem-fazer e espera, naturalmente, que todos o façam bem feito. É necessária uma grande força compreensiva e vontade muito sincera de conhecer quem é o Pobre e quem somos nós outros, para realizarmos na terra, com perfeição, o pensamento de Deus na arte de fazer o Bem que se faz ao Pobre.

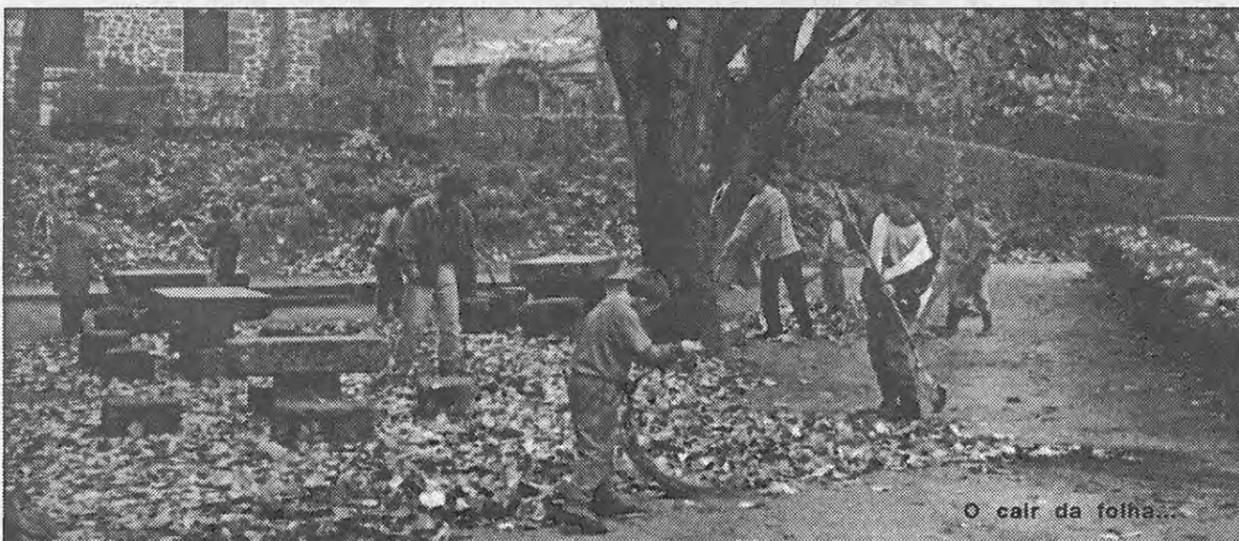
Erradamente se cuida que é necessário muito dinheiro para socorrer bem os necessitados, quando é certo que, muitas vezes, em tal circunstância, em vez de animar e consolar, podemos desesperá-los. A cura não está tanto no remédio, como na sua aplicação.

DONATIVOS — Amigo, da Alemanha, 200 marcos; Manuel Silva, 20.000\$00; J.R.D., 2.000\$00; Conferência de S. Cosme e S. Damião, 5.000\$00; Manuela Peixoto, 20.000\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto

Casal vicentino

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro: 71.400 exemplares.



O cair da folha...

SETÚBAL

Natal

O nosso Natal foi longo, cansativo e abundante. Começa logo em princípios de Dezembro com as consultas das pessoas singulares e colectivas para saberem do que mais precisamos, com os ensaios para o espectáculo que a noite natalícia exige. Os presépios, as luzes, o auto de Natal, as diversões e as prendas.

Apoios

CONTINUAMOS com o apoio dos Trabalhadores da Portucel Industrial, cuja colecta rendeu 268.950\$; da Seguradora Social, que somou 72.407\$00; da Secil, que produziu 108.500\$00; e com a campanha da D. Luísa, que chegou aos 23.000\$00.

A paróquia do Seixal, com o novo Prior, veio em peso e trouxe, com muitos mimos, 239.000\$00. A de Corroios mandou 25 contos, a de Monchique cinquenta, e a de Marateca vinte.

The Greater Lisboa Chapaliney, sessenta. Da Capela de Santa Rita, do Montijo, 25; e pelo Capelão da Escola Naval do Alfeite, noventa.

O ofertório anual na Capela da Quinta das Torres chegou a setecentos contos. Para a remodelação da nossa, uma viúva mandou 400 contos.

A Navigomes deu trezentos. Nónio Hioross, de Lisboa, 1.500 contos; Portucel, cem;

Ficámos o ano passado com a impressão de que sem espectáculo o Natal, em nossa Casa, fica muito incompleto.

Os rapazes vibram com o seu papel e a interpretação. Faz-nos tão bem ensaiarmos uns aos outros! Enquanto se ensaia sonha-se! Nada para atrair a gente nova como o sonho.

Sofremos um percalço: o Zé Maria não gostou da roupa de pastor e, na altura própria, recusou-se a entrar em palco. Ninguém foi capaz, nem nada o demoveu da sua teimosia! Ficou o auto

Setubauto, 20; Tomaz & Oliveira, S.A., 150. Com o vinagre que algumas Casas do Gaiato consomem, Mendes Gonçalves & Filhos, da Golegã, remeteu 120.

Dum amigo velho, trezentos; da amiga constante, 150; com os chocolates para os «Batatinhas» e d'aquela que, há muito, adoptou a Obra da Rua como predilecta, 200. João Luís 250, com pena de não ter sido no fim do Verão, como costuma. José Miguel, 250; e do José Fernando, 175. O João começou com 300 e já vai nos setecentos. É a sua costumada contribuição anual para os Pobres. Não dá esmola na rua. Sofre brutalmente com o problema levantado pela droga.

A Feira da Ladra, do Lions Clube de Setúbal, rendeu 1.050 contos.

Por outro amigo, de Cascais, que aglutina aliados e empresas, 377.

Cem, do José Vitorino, José António e Apolinário. Cento e vinte, de Ananias e José Maria. Mais cem, do José Carlos, Luís,

Alfredo, António José, Jacinta, Maria, António Simões e do Paulo; 300, pelo Chico.

Três, de Isabel; quatro, da Maria Ester; 1.500\$00 da Fernanda. Dezasseis, do Henrique; dois, da Maria Jacinta. Doze, do João, todos os meses. Mil escudos da Maria Dolores. Três, da Belmira e doze, da Maria Manuela. Dois, da Alice; quarenta, do Júlio; e trinta, da Ofélia. Setenta e cinco, da Maria Teresa; trinta e cinco, do Manuel; e dois mil e quinhentos escudos da Joaquina. Dezasseis, da Irene; mais 2.500\$00 da Maria Antónia. Sete, das senhoras da Quinta do Anjo que costumam ajudar na rouparia, todas as semanas, um dia inteiro.

Mais quarenta, do Campos e do José Carlos; doze, do Jorge; quatro, do Fernando; e oitenta, do Florentino. Oito, da Maria de Lourdes; e seis, da Susette. Outros quarenta, do Baltasar; e duas Teresas; uma com dois e outra com vinte e dois. A Ana Maria enviou onze.

Com dez, surgem: Laura, Manuel, M. M. do Porto todos os meses, Arlete, Margarida, João, Maria, Eduarda, Joaquim, António, Celeste, Francisco, Jaime, Vicente, Elias, Hernani, Jorge, Lucília, Florentino, Luísa, Madalena, Avelino José, Nuno. Mais dez, duma viúva, com açúcar e arroz. A viuvez é um estado de tanta fecundidade!... Não foi por acaso que Jesus encheu os olhos com as maravilhas da viúva. A dor traz uma certa «magia» de sublimação!

Com os mesmos dez, continuam: Nazaré, Maria da Conceição, Casal Santos, Lucília, Rui, Germana, Orlanda, Mariana, Carlos, Adélia, Serafim e os jovens de Sarilhos Grandes.

Com cinco, aparecem: Isabel, Maria, João, Rogério, Isabel José, Ana, Nuno, Manuel, Gertrudes, Cândida, Rita, Marina, Cândido, Domicilina, António, Sofia, Francisco, Ramiro, Margarida, Américo, Isaura, Crisantina, Carminda e Josefina.

Com cinquenta:

Maria Isabel, Manuel, Maria José, Victor Manuel, Ilídio, Guilherme, Maria Armanda, António, Ezequiel, Frederico, Maria Leonor, João Manuel, Maria Adelaide, José, e da Suíça.

Com quinze: Maria Helena, Cláudia, José, Victor, Acácio, e Luís várias vezes durante o ano.

Vinte e cinco: Encarnação, Carlos, Maria, Rogério e Cândido.

Com vinte, erguem-se: Rafaela, Maria, uma Escola Secundária, Armando Nunes todos os meses, Virgílio, Virgolino, Serrano, Ruy, Pedro, Madalena, Albertina, Ângelo, Amélia, um antigo gaiato desta Casa, assinante 16696, Maria Helena, Narciso, Henrique, Mariana, Rosa, Miquelina, Joana, António, Centro Pai Nosso, Adelina, Isolete, Maria do Céu.

Fica-nos a obrigação de dar graças, de poupar e de empregar bem o dinheiro; e distribuí-lo com justiça e equidade — a bem dos Rapazes e dos Pobres.

Padre Acílio

PASSO A PASSO

O trigo e o joio

ONTEM, depois do jantar, como é habitual, fui passando pelas casas, começando pela dois de baixo que é aquela onde os rapazes se deitam mais cedo. Levava, debaixo do braço, o livro de oração e meditação.

Passando junto dos rapazes, já deitados mas ainda acordados, há um que vê o livro e pede-me que conte uma história das que lá vêm. Foi o Carlos; fica o nome, pois foi o primeiro que me fez tal tipo de pedido.

A história do passado veio ao presente. Todos escutam em silêncio. A palavra entrou nas suas mentes e corações, já que foram capazes de a recontar por palavras deles.

Depois, foi o pedido de mais uma, agora não uma qualquer mas a do rei Herodes...

Este acontecimento veio chamar-me a atenção para a importância da Palavra. Ela que pode ajudar a construir a pessoa humana como, também inversamente, destruí-la.

Quem não corre léguas sem fim quando uma palavra de esperança estimula a vida que estava sem brilho? E quantos não reagem violentamente perante uma palavra ofensiva, capazes de chegar a consequências limite de vida?

É a parábola do trigo e do joio sempre actual na vida dos homens. A boa semente destinada a produzir alimento, a dar vida àquele que a recebe, e a má semente que vem intoxicar e confundir. A boa semente e a má semente; o trigo e o joio.

Hoje, antes do Terço, o Carlos veio ter comigo: «Então, logo vai-nos contar mais histórias?» Aqui está! A terra é boa. A Palavra também. Se o trabalhador se dispuser a trabalhar, brotará muito fruto!

Ele não lança as sementes do joio; os ventos da época encarregam-se de o fazer. Hã-de por isso crescer juntos, trigo e joio, já que os ventos não deixam de soprar.

Esta noite não fui à casa dois de baixo, junto destas pequeninas *terras de missão* como lhes chamou um irmão sacerdote. Fiquei a preparar estas sementes agora lançadas no teu coração.

Padre Júlio

TRIBUNA DE COIMBRA

Mensagem profunda

«FIXA o teu olhar no lado belo da vida...». Este pensamento «desgastado» iluminou-me quando peguei na caneta. Vinha num postal inútil e perdido, no inevitável amontoado de papéis da minha mesa.

Lá estava perdido e aparentemente inútil, mas com uma mensagem profunda e tão necessária quando temos por certo que, em nossos dias, há uma apetência quase doentia em fixar o olhar no lado negativo dos acontecimentos e da vida.

Só o amor ao Próximo, a abertura ao dom de si mesmo e ao Outro sem semelhança, podem travar com êxito e eficácia, essa propensão doentia.

Avistamos daqui a margem mais bela e mais frondosa do rio... É outra apetência, esta, a que nos leva a desejar ir até à nascente. Mas a maior parte anda na foz a apanhar conchas vazias... É o problema da esperança contra a desilusão.

É claro, andamos todos apressados. Perdemos com frequência o dom do encantamento e da empatia. Sabemos demasiado de estatística e esquecemos os que são nela referenciados, os seus problemas, as suas ansiedades e projectos.

Também nós, por vezes, do lugar onde estamos, avistamos tantas margens de vida desfeitas. Quão doloroso refazer algumas, com possibilidades mínimas de defesa...!

É que, olhar o lado belo da vida não é um simples acto de contemplação estética. Trata-se de «pegar» naquilo que me rodeia, porventura, acolhê-lo até no seu aspecto mais repugnante, valorizá-lo como «coisa» única: dar-lhe um sentido.

Já não sei de que lado estaremos quando aqui chegarmos. Possivelmente em lado nenhum porque não haverá margens, lados bons e lados maus. Será outro o nosso olhar. Terá cabimento falar do cumprimento pleno da Mensagem de Cristo: o «Amai-vos».

Enquanto não, demos razão ao poeta: «Fixa o teu olhar no lado belo da vida».

Padre João

Moçambique

Continuação da página 1

Em finais de Março, se os nossos operários, agora reduzidos a quarenta e dois, derem conta do trabalho, faremos a mudança das instalações agrícolas para cá. Entretanto, o processo para sermos uma escola comunitária com os graus de ensino oficializados e alguns professores agregados ao Ministério da Educação, está entregue.

Falta uma Casa para o nosso Deus

Chega ao fim a construção fundamental desta Casa do Gaiato que é materialmente o alicerce do alicerce espiritual de homens para Moçambique, tirados das ruas da baixa da cidade, onde muitos ainda vagueiam.

Como remate necessário falta uma Casa para o nosso

Deus. Como Ele é Bom e está acima de tudo e vela por todos, parece que repugna querer fechá-lo numa Casa. Por mais bonita que seja, é uma Casa para o Senhor destas montanhas e destes horizontes dilatados. E se a gente não O sente no meio disto tudo, que seja para Ele uma casa sem paredes nem janelas nem portas, só com telhado em cima para o sol não torrar a gente. Porque até a chuva, aqui, é desejada como o melhor dos Seus favores.

Neste Natal nada nos faltou, como aliás em todos os dias. Foram dias melhores, com roupa nova, calçado, alguns brinquedos e até bolos que vieram em Junho no contentor, atulhado do carinho das nossas Casas do Gaiato de Portugal, que partilham connosco quanto recebem. A partilha — pelo que representa em si de comunhão de bens de todos os Amigos da Obra da Rua — faz-nos felizes.

Padre José Maria

Património dos Pobres

Continuação da página 1

a atenção. A encarregada de um destes Lares estava inquieta à procura de lugar para um desabrigado de trinta e sete anos, metido na droga, a viver ao deus-dará. Vimos as ruínas duma casa, já retiradas, e o chão pronto para a construção da habitação para uma mãe com três filhos menores. Os materiais estão à espera, no armazém camarário.

Era já noite quando nos despedimos. Ficámos convencidos de que os planos à sua conta serão realizados. Assim esperamos.

No dia seguinte apareceram, em nossa Casa, os dirigentes duma instituição de caridade. Estão a acabar a montagem do elevador da habitação de muitos idosos.

A seguir, entendem que já é tempo de pegar nas obras de reconstrução das habitações que tiveram de ser desocupadas há anos.

Todos os dias aparecem antigos inquilinos à procura de quando irão ocupar a sua casinha.

Vieram saber a nossa opinião e a nossa ajuda. Foi uma tarde maravilhosa de ideias, boas notícias, solução de problemas — e amor pelos irmãos.

Neste encontro tive a sensação de que estava a rever e a ouvir a ceguinha que ali viveu, muitos anos, a perguntar se «aquele é o sr. Padre que ouvi muitas vezes na igreja a falar dos Pobres. Aquela é a voz dele...!»

Aquela voz marcou mais o compromisso meu de ser a voz dos Pobres, a dar testemunho por aqueles que não têm voz. É minha obrigação inquietar-me e lutar pelos que são mais abandonados. Daí a minha alegria pelos êxitos destas reuniões em ordem à acção.

Padre Horácio

MALANJE DIA-A-DIA

2/12/96

O nosso Joaquim «Pintor» acabou hoje de colocar o último vidro nos vitrais da Capela. As balas tinham feito estilhaços e buracos. Um a um, ele foi colocando conforme a cor e o tamanho. Dois meses de trabalho metuculo. Perfeito. Lá estão os peixes e as duas cruzes do fundo expressas num tom azul.

Igualmente ficaram prontos os bancos, em nossa carpintaria. Falta eliminar a praga dos morcegos por cima do forro de «quibaba». Já os mandei embora e não foram... Pedi ao Senhor que os enxotasse e não enxotou... Suas criaturas! Deve sentir prazer no seu voitar em noites estreladas! É isso.

COMPRAMOS doze vacas. Sete delas brindaram-nos logo com sete vitelinhos que já brincam no parque. Preâncio duma nova etapa em nossa Aldeia.

Verdejam os campos de feijão, milho e mandioca.

Carne, leite e pão!

Que fartura de tudo se cada angolano plantasse uma banana e umas estacas de mandioca...!

Encontrei graça a um homem que me apareceu com uma lata de valvulina para lhe dar em troca um casal de leitões. Levou os ditos. Daqui a pouco terá carne. Outro, veio com uma cabritinha. Também levou. Exemplos. É o caminho.

É tempo de deixarmos de estender as mãos aos grãos de milho que vêm de longe e, por vezes, já sabem a mofo.

Cai chuva e brilha o sol neste planalto imenso e ansioso pelas sementes.

Domingo 8/12/96

PÃO com margarina no pequeno-almoço. Depois, a santa Missa e, nela, a Palavra. Logo a seguir, reunião de chefes. Hoje foi:

Na leitura do *Cantinho dos Rapazes*, Pai Américo a dizer do Zé Maria que deu em vadio porque nunca teve amor ao trabalho. E acrescenta: «A maior herança que um de vós pode levar desta casa paterna, é o amor ao trabalho».

Ora aí tendes, rematei eu no comentário à leitura.

Depois falámos nos trabalhos da Casa: como, sem a presença duma senhora, organizarmos o trabalho da despensa e das roupas. Comentámos a alegria que sentimos por termos feito a *capina* dos campos de feijão, milho e mandioca. O que isso representa na economia da nossa Casa!

«Não há melhor tesoiro. O trabalho enche a vida» — conclui Pai Américo no seu *Cantinho dos Rapazes*.

24/12/96

FELIZ Natal!, dizem todos. Corações mais abertos e mais alegria.

Foi bom o nosso Natal: Veio até nós a «Velha Guarda» com uma merenda e brinquedos. Foi uma surpresa muito agradável e que nos deu alegria, tanto mais, pois este ano não tínhamos brinquedos para os mais pequenos.

O que é a «Velha Guarda»? Uma associação de naturais de Malanje que, em laços de amizade, se reuniram para promover o bem pela ajuda aos irmãos e pelo esforço quotidiano a favor de uma mudança de mentalidades.

Somente a união para é já um grande passo.

Há dias, vieram ter connosco para que lhes cedéssemos um naco de terra para a construção de um Lar de idosos sem família. Um sonho belo! Já plantaram uma cercadura de árvores de fruto. Bom começo.

Graças a eles, os nossos mais pequenos tiveram um Natal mais alegre.

Feliz ano também, para eles, e a continuação de sonhos belos!

25/12/96

MANHÃ!, sol entre nuvens e uma quietude nas coisas! Somente uma brisa leve nas folhagens viçosas. Desde 1992 a primeira vez que não ouvimos um tiro... Preâncio de uma nova vida. Apesar de tanta carência, uma certa alegria em todos os semblantes.

Em nossa Casa, tudo feito pelos rapazes: o teatro da noite que safu maravilha!, pela primeira vez; as batatas com bacalhau!; as filhoses saborosas confeccionadas pelo Nelito e Lucas!; e a calma do Chicó «Barata» na orientação das refeições — a pedir um relógio que bata bem as horas na velha cozinha suja da lenha.

Alguém que entrasse nesta ou na fazedura das filhoses diria: — Não vai sair nada... Saiu tudo certinho e saboroso!

Na Celebração e na Palavra disse-lhes que a verdadeira alegria não estava nas coisas — comida, brinquedos e roupas — mas nos corações quando limpos e humildes diante do Senhor.

Padre Telmo

ENCONTROS em Lisboa

Justiça do tempo

ENTRE as orações da Bíblia que me encantaram desde muito cedo, encontra-se a prece de Salomão: «Dá a teu servo um coração que escuta para governar o teu povo e para discernir entre o bem e o mal» (IRe, 3, 9). Todos sabemos que Salomão foi rei sábio e justo. Escutou, viveu no meio do seu povo, sentiu profundamente a sede e fome de justiça. A sua sabedoria irradiou e tornou-se modelo entre os homens.

Também me encanta a lenda de S. Luís, rei de França, que se sentava à sombra de um carvalho escutando o seu povo e procurando vislumbrar a justiça entre os ditos, dos que dele se aproximavam. A justiça era vida e preocupação. Era conhecimento e tornava-se paz e alegria porque libertadora para aqueles que a desejavam.

Estes dois exemplos fazem-me sonhar face, muitas vezes, à justiça dos tempos que correm. Nós temos boas leis, também não nos podemos queixar muito dos espaços para a administração da justiça. Onde se claudica é na concretização das leis, no torná-las vida e fonte de orientação para as pessoas. Por vezes a justiça, com letra pequena, torna-se desrespeitadora da própria pessoa que dela se aproxima. Ignorância de quem julga? Quando se trata de Pobres e Pobreza, áreas desconhecidas na experiência dos julgadores, os desajustamentos aumentam. Também quanto a Menores e seus direitos, as coisas não melhoram apesar de mais comissões. Disseram-me, não conseguem confirmar, que o Instituto de Reinserção Social, estrutura ligada ao Tribunal, tem cerca de setecentos quadros superiores a fazer estudo e relatórios de casos. Por que é que as decisões saem tão canhestras? Falta a vida e o sofrimento com o Pobre. Falta a experiência sobre os Menores e sobre o seu crescimento.

Um exemplo

Vou dar um exemplo. Chegou-me insistente pedido com relatório que, em síntese, dizia: menor de onze anos, mãe ausente, pai idoso e alcoólico, condições de habitação em garagem abarracada, ausência de escola e normas, pequenos delitos. Fui ver. Passei várias horas no lugar. Falei com vizinhos, amigos. Vi condições de vida. Apalpei relacionamentos de vizinhança entre a compaixão e a agressividade, passando pelo evasivo encolher de ombros e a sentença: «mais um vadio». Percebi relacionamentos de autoridade entre pai e filho, onde as duas solidões se tinham num mútuo desrespeito. Cheguei à conclusão de que, já tardiamente, não podia deixar-se aquele jovem a viver ali, naquelas condições e por isso estaria disposto a dar-lhe a mão. Soube que, três anos antes, este mesmo jovem já teve lugar numa outra instituição, só que o pai opôs-se à ida e ninguém teve coragem para salvar, no momento, os direitos da criança a ter uma vida decente — e tudo ficou como dantes, isto é, modificando-se para pior.

Fiquei surpreendido com a decisão do Tribunal que me confiava o menor, não por mo confiar, mas pelas considerações laterais. Este deveria ir passar todos os fins de semana com o pai. Mais: o Tribunal deliberou e enviou-me por fax: «No que toca ao regime de visitas que a referida instituição deverá acatar na íntegra». Creio que com esta decisão o Tribunal entrou em áreas que não lhe competem e que desconhece. Mais uma vez o menor ficou na rua...

Apetece-me rezar ao Pai do Céu pedindo um pouco de justiça. Seria simples ao Tribunal falar connosco. Não éramos nós que deveríamos alimentar, velar pela higiene, saúde e desenvolvimento do menor? Como se tomam decisões destas nas costas e à revelia dos interessados? Será isto a independência da justiça? Ou isto criará mais injustiças? Quando se trata de Menores, o diálogo com as diversas partes envolvidas, não será a única saída para se fazer justiça?

Com alguma amargura...

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

Aquela Luz que o ceguinho de Jericó pedia e recebeu, seja essa a Luz que guie as minhas passadas no amor aos Pobres do mundo; e me dê o apetite de os servir cada vez mais e melhor.

PAI AMÉRICO

DOCTRINA

Repreende,
suplica, insta.

Das Epístolas de S. Paulo



mos; se assim fosse, havíamos de fazer coisas mais prodigiosas do que o Mestre, que Ele assim nos prometeu!

O povo começa a afluir às instalações da Emissora; o telefone foi, durante três quartos de hora, o porta-voz de corações magoados; cada esmola é uma declaração de amor. O tempo dos milagres ainda não terminou. As sobras das multiplicações do Evangelho enchem hoje cestos, precisamente como outrora, quando Jesus abençoa o pão! Foi assim no Porto.

COM a Obra da Rua é na mesma: já se entra às escondidas na casa onde eu habito e vai-se colocar o envelope fechado sobre a mesa de trabalho. Pergunto quem foi. Ninguém deu fé! Que formidável não é o poder da Caridade! Como o nosso bom Deus sabe ir buscar o que há de mais reles para realizar no mundo as obras à Sua moda e serem d'Ele, unicamente d'Ele. Senhor, que nem sequer a minha sombra embacie!

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Correspondência de família

Sou o ex-Bragança. Assinante 12029. Resido em França. E, pela primeira vez, daqui vos escrevo.

Todos os anos visito a minha verdadeira Casa — a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Recebo O GAIATO que me dá imenso prazer. Depois de o ler, senti vontade de me aproximar de todos vós. A reacção lógica

de cada pessoa é aproximar-se da base, a qual hoje melhor reconheço ser essa a minha verdadeira Casa.

Não lamento o meu destino porque seria injusto, pois a situação que tenho aqui, em França, devo-a, em parte, à nossa Obra, à Casa do Gaiato onde fui criado.

O Natal era uma festa que esperávamos ansiosa-

mente para receber as prendas! Uma coisa me ficou na memória: o cacau servido após a Missa do Galo.

Espero que tenham entrado com o pé direito em 1997. Mando um abraço para todos os que conheço: Padre Carlos, «Eusébio», Júlio Mendes e outros.

M. Martins